

O Político, o Estrutural e o Psicanalítico: Três Níveis de Compreensão dos Movimentos Sociais

*Maristela Oliveira de Andrade **

Este breve ensaio foi suscitado pela experiência recentemente vivida ao ministrar a disciplina Movimentos Sociais, junto ao Mestrado em Ciências Sociais/UFPb, num momento em que os estudos acerca desta temática já não tinham o mesmo atrativo e nem despertavam mais o mesmo interesse sobre o meio intelectual brasileiro, que teria inspirado um número significativo de estudos. Atualmente, sente-se um clima de final de festa, onde o cansaço e a exaustão parecem ter levado a um esgotamento do tema, após receber inúmeras interpretações, mas sem contar ainda com uma teoria satisfatória dos movimentos sociais.

A frustração das expectativas desse meio intelectual, quanto ao potencial revolucionário desses movimentos teria talvez levado a um progressivo desinteresse por eles, já que os mesmos não estavam se conduzindo verdadeiramente para permitir a transformação social, segundo o modelo social aspirado pelos intelectuais, ou seja aquele formulado em padrões científicos pelo marxismo.

Entretanto, é preciso reconhecer a dificuldade de estabelecer uma teoria que dê conta de uma variedade tão ampla de formas de lutas sociais, e permita desvendar princípios e mecanismos comuns. Contudo, é nessa direção que caminha o presente trabalho, que longe de pretender preencher a lacuna teórica deixada pelos que se dedicaram ao estudo empírico desses movimentos, procura tão somente fazer especulações de caráter teórico para tentar vislumbrar alguns desses princípios e mecanismos.

Devo dizer que minha escassa experiência no terreno dos movimentos sociais me inibe diante desta tarefa de realizar um estudo sobre o tema, e principalmente de chegar a conclusões que não estejam fundamentadas em exemplos concretos efetivamente vividos ou acompanhados de perto. Mas ao mesmo tempo a não experiência com o tema, permitiu-me passar para além da literatura específica, e fazer reflexões um tanto distanciadas delas, conseguindo com isso pensar os movimentos sociais fora dos esquemas teóricos já elaborados. Esta opção por afastar-me dos estudos específicos atende ao propósito de fugir às análises conjunturais tão intimamente associadas a esses estudos, e que têm limitado as chances de ampliar a compreensão desse fenômeno, que se fechou em torno de certos elementos, imobilizando seu campo de análise.

Todavia, este trabalho partirá de referências bibliográficas específicas a estes movimentos, para em seguida enveredar por estudos pertinentes ao tema, mas não consagrados especificamente aos movimentos sociais. Com isso, espera-se compor um quadro teórico para expressar o percurso da análise aqui esboçada, partindo da visualização de três eixos distintos para a compreensão dos movimentos sociais que

* Prof. Adjunto IV do Departamento de Ciências Sociais/UFPB - João Pessoa. Doutora pela Universidade de Paris III.

correspondem a três níveis de abordagem, assim identificados: o político, o estrutural e o psicanalítico. Eles serão vistos aqui não como mutuamente excludentes, mas antes como complementares, cada um fornecendo um ângulo de compreensão do fenômeno.

O ponto de partida para situar teoricamente os movimentos sociais é sem dúvida o estudo de Castells (1977:380-469), na medida em que ele aponta para a descoberta de um novo campo de estudo, deslocando a atenção dos cientistas sociais dos movimentos proletários de orientação sobretudo trabalhista, para lutas sociais de caráter distinto e com motivações outras - os movimentos sociais urbanos. Apesar de essas lutas se orientarem para outros tipos de demandas, particularmente relativas ao consumo coletivo, a serem atendidas pelo Estado, elas são também entendidas como fruto das contradições da sociedade capitalista, que realiza uma repartição desigual e injusta dos benefícios e equipamentos públicos no espaço urbano.

Com isso, Castells busca inserir os movimentos sociais urbanos na luta política no interior da sociedade capitalista, procurando enquadrá-los na lógica da luta de classe, e nas possibilidades que ela oferece de produzir uma efetiva transformação social. Partindo dessas premissas o autor constrói um arcabouço teórico desses movimentos estreitamente articulado à teoria marxista, embora tenha procurado expandi-la através da incorporação de elementos novos presentes nas sociedades capitalistas contemporâneas. Neste contexto deve-se considerar os esforços empreendidos por ele para compreender além da estrutura de produção, os processos ligados à uma outra esfera da economia capitalista, que toma proporções cada vez maiores. Trata-se da estrutura de consumo, entendida como parte do processo da reprodução social, onde aparece a noção de consumo coletivo, que operando de forma contraditória, geram demandas da população que se expressam através de lutas sociais (CASTELLS, 1977: 498-510).

Porém o grande esforço de sistematização teórica dos movimentos sociais feito por Castells, apesar dos seus excessos de zelo para não contrariar os pilares da teoria marxista, fornece um esquema de explicação amplamente pertinente para o exame dos movimentos sociais urbanos, não apresentando a mesma consistência para o exame de outras modalidades de movimentos sociais. Entretanto, é preciso reter da explicação de Castells a dimensão política e as potencialidades para a transformação social, visualizadas em movimentos sociais alheios às causas trabalhistas.

O estudo realizado por Hobsbawm sobre formas arcaicas de movimentos sociais presentes no contexto de sociedades ocidentais pré-industriais do século XIX (HOBSBAWM, 1978), lança luz sobre outras modalidades de lutas sociais que ampliam consideravelmente a compreensão da dimensão política, ou antes pré-política desses movimentos. Suas análises podem ser confrontadas com a tese de Castells, permitindo levantar algumas reflexões, o que será feito mais adiante, após a exposição rápida das idéias principais contidas neste estudo.

Entre as formas arcaicas de movimentos sociais examinadas por Hobsbawm registram-se as seguintes: o banditismo social, a máfia, movimentos milenares, a turba urbana e as seitas operárias. As três primeiras seriam originárias do meio rural, enquanto as duas últimas do meio urbano, sendo que a motivação comum à esses movimentos seria uma inadaptação à sociedade industrial, e às novas formas de dominação por ela engendrada, que o autor interpreta como "resistência coletiva à invasão da nova sociedade" (:12-15).

ARTIGOS

Todos esses movimentos foram considerados pré-políticos por apresentarem um caráter político ambíguo e abertamente conservador, além de se mostrarem incapazes de formular um projeto de sociedade, por não contarem com uma linguagem adequada para expressar suas aspirações, incapacidade esta que seria atribuída à falta de um conhecimento educacional formal dos integrantes desses movimentos. Aliás, eles seriam majoritariamente integrados por analfabetos, mendigos ou lumpen-proletariado, enfim os mais pobres da sociedade, vistos também como pré-políticos, cuja ação seria dirigida quase sempre contra os ricos. Deste modo, a tendência conservadora desses movimentos fazia com que a ação por eles desenvolvidas contra o Estado, fosse pouco duradoura ou consistente, afastando deles qualquer potencial revolucionário, sendo quando muito reformista.

Assim, ao invés de movimentos propriamente ditos, o autor prefere classificá-los como agitação ou revolta social, que muitas vezes assume um caráter de guerrilha. Entretanto, alguns deles teriam condições de evoluir até transformarem-se nos modernos movimentos trabalhistas. As revoltas de origem urbana, segundo o autor, teriam maiores probabilidades de evoluírem transformando-se em formas de sindicalismo, pois sofreriam uma inadaptação menos radical frente à sociedade industrial. Apesar disso, algumas modalidades de milenarismo, originárias do meio rural, por serem mais permeáveis a assimilação de ideologias existentes, poderiam igualmente vir a tornar-se um dia formas modernas de movimentos sociais.

Embora os movimentos examinados por Hobsbawm tenham sido considerados típicos de sociedades pré-industriais do século XIX, parece surpreendente que movimentos de natureza semelhante reapareçam nos finais do século XX, quando as mesmas sociedades já evoluíram para uma fase pós-industrial, em que o proletariado já estaria ampla e plenamente organizado, e apesar disso lutas com caráter de agitação social, estariam de volta à cena. Neste cenário as "gangs" de bairro, aparecem como fenômeno que se expande assustadoramente no mundo pós-industrial; os movimentos religiosos milenaristas ou inspirados em filosofias orientais ganham cada vez mais terreno nas sociedades contemporâneas, inclusive nas sociedades ocidentais pós-industriais. O banditismo social e a máfia também persistem até hoje, cada vez mais organizados, agindo de forma ousada e sofisticada, através da formação de um verdadeiro poder paralelo, cuja eficiência em termos burocráticos e ofensivos, os tem tornado praticamente imunes às ações governamentais para destruí-los.

O panorama descrito por Hobsbawm acerca dos movimentos sociais do século XIX configura um momento de crise, gerado pela situação de transição da sociedade pré-industrial para a sociedade industrial, ocasionando sentimentos de medo e insegurança na população ante as incertezas do futuro. Neste sentido, é possível visualizar condições similares no momento presente, em que a sociedade industrial evoluiu para uma fase pós-industrial, ocasionando um clima semelhante de incertezas e propício à emergência de movimentos, cuja proposta política parece incompreensível ou nebulosa, revelando tendências conservadoras.

Entretanto, acreditava Hobsbawm que apenas num contexto plenamente capitalista e industrial haveria condições para emergir um tipo de luta (o movimento operário), capaz de esboçar um projeto alternativo de sociedade com poder revolucionário. Tal interpretação não disfarça uma certa visão etnocêntrica do autor que só enxerga a transformação social em direção ao progresso, e este só seria

alcançado graças à participação de ideologias esclarecidas formuladas por um segmento intelectual, e posteriormente assimiladas pelos movimentos envolvidos na luta de classes.

Contudo, é preciso ressaltar certas particularidades das sociedades pós-industriais, as quais vêm se caracterizando pela progressiva substituição do trabalho humano pelas máquinas, sobretudo no setor da produção industrial, o que acarreta uma redução estrutural dramática da demanda de mão-de-obra. Com isso, deve-se suspeitar de uma alteração na composição de forças dentro da sociedade, em razão da tendência do segmento operário apresentar-se cada vez mais, numericamente pouco expressivo, abrindo espaço para entrar no jogo político outros segmentos sociais, igualmente insatisfeitos com o estado de coisas em vigor. Como consequência, o movimento operário tenderá a ter um papel cada vez menos significativo, não só pela sua perda de importância numérica, mas também pela crise do modelo socialista de sociedade, que tem tradicionalmente inspirado o movimento operário.

Assim, aos poucos o movimento operário vai perdendo o monopólio a ele atribuído na condução dos avanços sociais, passando a dividir com outros movimentos o seu papel de vanguarda política. Daí o caráter oportuno da contribuição de Castells ao conferir um papel político aos movimentos sociais urbanos, no momento em que o movimento operário sozinho não consegue mais conduzir todo o processo político de transformação social, porque ele não representa mais as aspirações e necessidades do conjunto da população desfavorecida. Neste sentido, a posição de Castells contrasta com a de Hobsbawm, na medida em que ele vislumbra um potencial de mudança social nas lutas urbanas, porque identifica nelas uma luta de classe. Já Hobsbawm só atribue este potencial ao movimento operário, embora ele tenha percebido a importância de estudar formas de rebeliões populares menos estruturadas, porém de impacto.

Até aqui, as reflexões sobre os movimentos sociais estiveram norteadas para estudos que enfatizaram o seu significado político, porém acredita-se que a busca de referências que permitam a compreensão dos mesmos numa perspectiva estrutural, proporciona novos ângulos de explicação do fenômeno em questão.

Com isso, pretende-se extrapolar as referências convencionalmente utilizadas, para penetrar num terreno mais abrangente que permita entender os mecanismos internos de estruturação desses movimentos como um fenômeno articulado à estrutura social para explicar a mudança. Na verdade, o estudo de Castells contempla o ângulo estrutural do fenômeno, porém sua análise se reporta à uma subordinação da estrutura à uma lógica predominantemente econômica. Como o propósito do trabalho é procurar explicações fora do domínio de teorias amplamente aceitas e consolidadas, tal perspectiva deixará de ser evocada, em proveito de um outro tipo de abordagem estruturalista.

O estudo de V. Turner (1974) mostra-se particularmente revelador e elucidativo, para ajudar a refletir sobre movimentos sociais na perspectiva acima aludida, por tratar-se de uma abordagem estruturalista, que incorpora a noção de mudança como uma possibilidade aberta à estrutura. Embora, ela esteja situada no campo da antropologia, deve ficar claro que ela não tem qualquer parentesco com o estruturalismo de Lévi-Strauss. A noção de estrutura utilizada por Turner se inspira na mais pura tradição da antropologia social britânica, para quem ela representa um

arranjo formado pelas relações de cargos, papéis e funções no conjunto da sociedade. Para o autor em exame, a estrutura seria incapaz de abranger todas as relações sociais, deixando margem para que ocorram relações fora da estrutura, envolvendo pessoas inteiras despojadas de papéis ou funções, as quais ele chama pessoas liminares.

Surge daí uma noção fundamental neste estudo - a "communitas" - que o autor utiliza para inscrever esse relacionamento não estruturado entre indivíduos concretos, ou seres humanos totais. É justamente este conceito que oferece alguns paralelos importantes para se pensar os movimentos sociais, mesmo porque o próprio autor examina algumas "communitas" que podem ser identificadas como movimentos sociais, entre as quais o movimento religioso que deu origem à Ordem Franciscana, ou o movimento "hippie" da década de 60. A "communitas" corresponderia a um momento inicial de formação dos movimentos sociais, que ao consolidarem-se adquirem uma estrutura e estabelecem cargos e papéis, criando um modelo burocrático. Para utilizar tal noção em nosso contexto torna-se necessário descrever algumas das características mais marcantes da "communitas", observando que muitas são formuladas em contraste com as características presentes na estrutura.

Assim, a "communitas" pode ser definida com base nas seguintes características: a) espontaneidade e transitoriedade opondo-se ao caráter jurídico e político da estrutura; b) tende a transformar-se em estrutura quando as livres relações entre os indivíduos convertem-se em relações governadas por normas; c) tende a ser filosófica ou especulativa, enquanto a estrutura pragmática e mundana; d) carregada de sentimentos, principalmente prazerosos, na estrutura sacrifica-se os desejos às necessidades do grupo; e) pertence ao mundo atual; a estrutura está arraigada no passado e se estende para o futuro pela linguagem, a lei e os costumes. Turner acrescenta que a ação estrutural se rotiniza e torna-se mecânica e não-criativa, necessitando regenerar-se através de um retorno periódico à "communitas", e finaliza sua análise com estas eloqüentes palavras:

"A sabedoria consiste sempre em achar a relação adequada entre estrutura e "communitas", nas circunstâncias dadas de tempo e lugar em aceitar cada modalidade quando é dominante sem rejeitar a outra e em não se apegar a uma quando seu ímpeto atual está esgotado." (:170)

O momento da "communitas" corresponde a um momento de liminaridade, que no processo ritual exprime uma fase intermediária em que há uma suspensão temporária de posições e funções na estrutura, porém adquire um significado ampliado no pensamento de Turner. Para ele, a liminaridade significa não apenas a suspensão de modos de ação social convencionais, mas a abertura de um espaço para um exame dos valores e princípios fundamentais na cultura onde ela ocorre.

Com isso o autor pretende chegar à formulação de que as culturas sejam pré-letradas, sejam complexas, elas desenvolvem experiências com modelos igualitários na liminaridade ou na inferioridade estrutural, que refletem concepções que permitem aos homens estabelecer um modo de convivência melhor.

Este fluxo e refluxo da estrutura para a "communitas" e vice-versa, exprime a dinâmica do processo social em que se dá a transformação social de um lado, criando novos arranjos na estrutura, mas por outro lado contribuindo igualmente para o reforço e manutenção da estrutura tal e qual se apresenta. Esta última situação tende a ocorrer nas sociedades pré-letradas e nas tradicionais, cujos rituais cumprem o

papel da "communitas", criando períodos de liminaridade, que asseguram um retorno posterior à condição pré-existente. As análises de Roberto da Matta (1979) sobre rituais ou festas no âmbito da sociedade brasileira se inspiram no pensamento de Turner, demonstrando que como ritual de inversão, o carnaval atua como reforço da estrutura e da hierarquia social.

Por outro lado, percebe-se que Turner não procura detectar se a proposta da "communitas" se mostra conservadora ou não, aliás ele chega a identificar nela o espaço mesmo onde se elabora o novo. Contudo, ela está sempre impregnada de valores e princípios igualitários, que entram em choque com o modelo hierarquizado da estrutura. Deste modo, movimentos de motivação política ou religiosa, não são vistos neste aspecto de forma diferenciada, na medida em que eles se inspiram em concepções alternativas de sociedade, cujos princípios igualitários estão presentes numa e outra.

Para levar adiante esta interpretação desenvolverei o terceiro eixo de explicação - o psicanalítico, que está bem situado na tese de Laplantine em seu livro *Les trois voix de l'imaginaire* (1974), que se define como um estudo de etnopsiquiatria. Neste estudo o autor elege como objeto de estudo certas tentativas coletivas de superar a frustração e a insatisfação perante o mundo, e parte desse clima de sentimentos negativos para examinar a motivação de algumas formas de mobilização e estratégias voltadas para a busca de concretizar um estado de felicidade coletiva.

O autor fixa três estratégias formuladas pela imaginação coletiva, em que o homem visa construir o seu futuro dentro de um ideal de perfeição e felicidade: o messianismo, a possessão e a utopia. Estas seriam três gigantescas representações coletivas presentes ao longo de toda a trajetória da humanidade, que se projetam para o futuro, e cuja ocorrência se dá particularmente em épocas de crise ou de transição social (:26).

A espera messiânica, a possessão e a utopia seriam modalidades usadas pelo homem de transformar seu desespero em esperança, de modo que na primeira a espera de um messias ou um salvador que viria sanar todos os problemas e desigualdades, estabelecendo uma ordem social, ou um tempo de justiça social. A possessão consiste em uma estratégia que significa que o grupo não se propõe esperar mais pelo milênio, e busca escapar às vicissitudes deste mundo através de experiências com o transe, em que as pessoas são tomadas por comportamentos de grande exaltação e teatralização da existência, realizando momentaneamente uma vivência fora deste mundo. A utopia expressaria a paixão do homem para alcançar a perfeição, e assim ultrapassar as condições de existência dentro de uma sociedade, que se rejeita e que se deseja ver animadas por outros princípios e organizada em outras bases.

O traço comum presente nas três formas profundas de aspiração é a busca de uma experiência com o absoluto, visando escapar de um mundo que perde seu sentido, cujas instituições tornam-se vazias, tornando sombrias as perspectivas de futuro. Entendidas como formas diferenciadas de expressão de desejos, no messianismo ele se manifesta pela espera por uma sociedade alternativa radicalmente distinta da presente; na possessão a realização do desejo de absoluto se concretiza de forma imediata e instantânea; na utopia se dá uma submissão absoluta do desejo pela sociedade global, que deve passar a atuar de forma infalível.

Nestas análises o autor se recusa a distinguir o imaginário político do imaginário religioso, ou a especificidade de cada um no âmbito das estratégias examinadas. Para ele, a história se encarrega de desfazer esse falso dualismo, e permite mostrar que é possível se visualizar a emergência do religioso dentro do político e vice-versa, do arcaísmo na modernidade e do fantástico no cotidiano, de modo que tornar-se cada vez mais difícil distinguir o modelo religioso ou messiânico do modelo político ou revolucionário.

Ainda nos termos da explicação psicanalítica, identificou-se o estudo de Francesco Alberoni como uma contribuição que introduz uma visão inusitada dos movimentos coletivos, associando a eles um estado de enamoramento, como princípio ativo capaz de precipitar a mobilização coletiva. Partindo de um dos seus livros *Enamoramento & Amor* (1992: 11) colheu-se elementos importantes que indicam uma posição que se aproxima e ao mesmo tempo contrasta com a de Laplantine, na medida em que ele analisa também o caráter afetivo da experiência no âmbito dos movimentos coletivos, porém associa a eles sentimentos positivos.

Nesta interpretação o autor se inspira em uma análise de Durkheim acerca de certos estados de "efervescência coletiva", cuja natureza tem uma profunda semelhança com o estado de enamoramento. No texto referido por Alberoni, Durkheim faz uma descrição aguçada do estado mental do indivíduo perante certas circunstâncias sociais, em que ele se sente arrastado e dominado por forças coletivas, onde preocupações e interesses pessoais são substituídos por outros de caráter coletivo, que passam a ocupar por completo sua consciência, afastando-o assim da existência ordinária de sua vida privada (:6). Convém acrescentar que tais estados não são permanentes, mas passageiros, e caracterizam apenas aquela fase mais aguda do movimento ou sua fase de nascimento ou estruturação.

Assim, Alberoni defende que as energias liberadas nesses estados de enamoramento, sejam direcionadas para uma pessoa, sejam direcionadas para ideais coletivos, são muito mais responsáveis pelo aparecimento de novas instituições, classes, e todas as novas aquisições da humanidade, do que as energias reprimidas da libido como acreditava Freud (:94-95). Desta forma, ele elabora a noção de "estado nascente" como uma condição essencial ao processo social, que o anima ao permitir a emergência de movimentos coletivos que irão gerar e revitalizar instituições.

Para o autor em questão, o marxismo é também um movimento que viveu seu "estado nascente", e faz algumas correções quanto a certos equívocos desta linha de pensamento, para a qual só existe movimento coletivo motivado por uma luta de classes. Mesmo alguns movimentos religiosos que chegam a ter uma percepção elementar do grau de exploração e alienação do Homem, são ainda inadequados para produzir uma verdadeira consciência de classe, revelando-se apenas como uma falsa consciência. No entanto, o enamoramento esteve caracterizado na concepção e construção desse movimento, e apesar disso o enamoramento é um estado que não diz respeito a classes, porque ele aproxima pessoas de diferentes classes sociais. O que este estado contém acima de tudo são as propriedades básicas requeridas para um agrupamento em torno de um propósito comum fundamentado em um conjunto de idéias. Deste modo, ele busca ampliar a noção de movimentos coletivos para abranger aqueles que não estão diretamente associados a interesses de classe.

Nesta altura, tendo reunido interpretações que dão conta dos três eixos de explicação, embora sem esgotar as possibilidades de abordagem dos movimentos

sociais, passo às considerações finais, retirando algumas lições das teses apresentadas.

As análises centradas no componente político dos movimentos sociais aqui enfocadas, revelaram algumas limitações importantes por estarem excessivamente presas a contextos capitalistas, ou em transição para o capitalismo, cujas ideologias só eram compreendidas se estivessem voltadas para uma superação do modelo capitalista, obedecendo a modelos formulados pela ciência.

Com isso, as reflexões feitas até aqui refletiram justamente a tentativa de entender os movimentos sociais num contexto ampliado, evitando privilegiar a categoria política, para identificar outras esferas igualmente importantes para a compreensão desses movimentos.

No contexto da explicação de viés estrutural, ao invés de entender esses movimentos como resultado das contradições inevitáveis do modelo capitalista de sociedade, eles seriam constituídos e emergiriam nos interstícios da estrutura social, em rejeição à hierarquia assegurada por tal estrutura, sendo responsáveis diretos pelas mudanças sociais. Estas por sua vez não obedecem necessariamente à uma sequência evolutiva, mas permitem construir um porvir de forma mais aberta e inesperada.

A explicação psicanalítica se detém na avaliação dos sentimentos coletivos e energias psíquicas subjacentes à experiência vivida no interior dos movimentos sociais, permitindo entender diferentes modalidades de movimentos, políticos ou religiosos, a partir do exame das forças profundas capazes de desencadeá-los.

Mas ao fim destas reflexões, elas nos levaram a reconhecer que o político é certamente a categoria primordial para o entendimento de tais movimentos, já que eles expressam sempre uma luta pelo poder. Entretanto, é indispensável redefinir esta categoria para retomá-la, o que exige novos esforços de investigação para encontrar outros parâmetros para análise do político.

Com isso, o presente trabalho se limitará a apreciação dos estudos já apresentados, deixando para outra oportunidade a retomada do enfoque político, quando puder contar com outros elementos que permitam ampliar o entendimento desta dimensão crucial dos movimentos sociais. Entretanto, gostaria de adiantar a interpretação de Bourdieu (1989) acerca do "poder simbólico", que certamente servirá como ponto de partida para o desdobramento deste estudo. O texto do autor evocado refere-se particularmente às lutas regionalistas, embora sua interpretação possua uma abrangência que permite aplicá-la a lutas travadas em outros terrenos, como o das minorias por exemplo (1989).

Para finalizar essas reflexões devo destacar a necessidade de visualizar os movimentos sociais no campo das lutas simbólicas, onde os conflitos de interesses entre grupos distintos são reconhecidos e até evidenciados, assim como a motivação econômica de tais interesses. Assim, as lutas simbólicas têm princípios e consequências econômicas que são certamente reais, embora a economia do simbólico não se limite ao econômico. Todavia, o mais importante desta contribuição é que ela introduz a noção de poder simbólico, no terreno da luta política, como um poder de caráter mágico, com elevado grau de coerção, que embora não se apóie na força bruta, é tão forte quanto aquela obtida por tal meio.

NOTAS

1. A noção de movimentos sociais empregada no escopo da disciplina é a mais ampla possível, e que incorpora as mais diferentes formas de lutas sociais, envolvendo segmentos populacionais variados, traduzindo desde os movimentos urbanos e rurais, religiosos, ecológicos, étnicos e outras minorias, inclusive os operários.
2. Este procedimento se inspira no modelo construído por Bourdieu em seu livro *A Economia das Trocas Simbólicas*, ao fazer convergir três vertentes teóricas amplamente reconhecidas como incompatíveis, para explicar o campo do fenômeno religioso, de modo a permitir captar ao mesmo tempo as diferentes nuances contidas nele, refletindo-se como uma vantagem no domínio explicativo.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERONI, Francesco. *Enamoramento & Amor*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- CASTELLS, Manoel. *La Cuestión Urbana*. 4 ed. México, Siglo Veintiuno, 1977.
- DaMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- HOBBSBAWM, E.J. *Rebeldes Primitivos. Estudos de Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX*. 2 ed. Rio de Janeiro, 1978.
- LAPLANTINE, F. *Les Trois Voix de L'Imaginaire: Le Messianisme, La Possession et L'Utopie*. Paris, "JE" Editions Universitaires, 1974.
- TURNER, V. *O Processo Ritual. Estrutura e Anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.